

Imagens midiáticas e/ou midiaticizadas: temporalidades e historicidades

Primeiro semestre de 2020. No isolamento social da pandemia, a força das imagens midiaticizadas nos fazem repensar as experiências e a historicidade de nossa relação com as tecnologias de comunicação. Ao longo do século XX, o mundo foi sucessivamente tocado por imagens (re)produzidas e veiculadas pela mídia, a qual avançara em tamanho, abrangência e modos de operar. Imagens que, ao serem integradas, paulatinamente, à vida cotidiana, deram provas do seu potencial relativo em influir nas formas de ver e apreciar a sociedade e de nela agir por diferentes e diversos agentes sociais, individuais ou coletivos.

Dotar de historicidade o domínio da imagem no presente imediato requer a perscrutação, análise e reflexão sobre proximidades e distanciamentos, continuidades e rupturas, concentração e descentralização, adesões e oposições, desejos e angústias investidos ao campo de

possibilidades do produzir, emitir e, mesmo, da recepção de imagens midiáticas que compõem, ao mesmo tempo, a trajetória contemporânea da comunicação social e a do mundo em geral. O presente dossiê nos permite um olhar panorâmico sobre alguns desses momentos e perspectivas através de trabalhos que contemplam a televisão, as artes, a publicidade, o cinema e a imprensa.

Utilizando-se da história oral temática, Cássia Palha apresenta o artigo *“As telas e os professores de História: memórias de audiência sobre a crise política brasileira”* que aborda o universo da recepção televisiva, enfocando o contexto da crise política brasileira de 2016, pela perspectiva das memórias de um grupo de professores de história. Em *“Artes plásticas e cinema em Belém nos anos 1960”*, Cleodir Moraes através das contribuições de Raymond Williams e Reinhart Koselleck, nos traz a análise de experimentações artísticas em torno do espaço urbano, na Belém da década de 1960. É também no diálogo estreito com as artes, e, em especial, no contexto da arte conceitual, que o texto de

Daniela Maura Ribeiro contempla o papel da mídia impressa na obra de Regina Silveira em *Middle Class&C0* (1971-72).

Já as imagens do campo publicitário foram o mote do trabalho de David Netto, que demonstrando a influência mútua entre propaganda e sociedade, pesquisou dois momentos emblemáticos da história brasileira em interface com o discurso publicitário: as *Diretas Já* e a campanha eleitoral de Tancredo Neves. A mídia eletrônica é retomada no artigo "*Integração nacional por antenas de TV e a transmissão do Jornal Nacional para Cuiabá - MT (1976)*", de Edvaldo Correa Sotana, que abordando a história da televisão no Mato Grosso discute o projeto de integração nacional durante a ditadura militar em sua tácita parceria com o setor televisivo.

É pelo universo fascinante da sétima arte que Paula Tainar de Souza em "*Representação do árabe: análise do filme Aladdin sob a ótica do orientalismo*" reflete sobre a historicidade dessa produção cinematográfica de 2019, estabelecendo a crítica sobre seu exercício narrativo

em torno do orientalismo e do feminismo.

O campo da mídia impressa como fonte histórica está presente nos artigos de Raíssa Koshiyama de Freitas e de Thiago Fidelis, consolidando a seleção deste dossiê. No primeiro trabalho, em "*A crítica de televisão no Folhetim (FSP 1977-1989): pensando a TV e o telespectador na redemocratização*", a autora investiga a crítica à TV brasileira pelo Folhetim - suplemento do jornal *Folha de S. Paulo* - mapeando o debate sobre o papel dos meios massivos e do "estatuto do telespectador/cidadão" em meio ao processo de redemocratização nacional. Em "*Só morto sairei do Catete': a morte de Getúlio Vargas pelo jornal Última Hora (UH)*", Thiago Fidelis enfoca em particular o uso das imagens como linguagem estratégica do UH na arquitetura de enaltecimento do perfil de Getúlio Vargas e de seu lugar na vida política nacional.

Saudações solidárias neste enfrentamento pandêmico e uma boa leitura a todos (as)!